

O BEM-VIVER SUPERA AS LIMITAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO

EL BUEN VIVIR SUPERA LOS LÍMITES DEL DESARROLLO

José Efraín Astudillo BANEGAS

<jose.astudillo@ucuenca.edu.ec>

Doctor en Sociología y Antropología

Universidad Complutense de Madrid, España.

Docente y Investigador en la Universidad de Cuenca, Ecuador.

Miembro del grupo de Investigación Interuniversitario Tierra.

<https://orcid.org/0000-0003-4152-1657>

TRADUÇÃO POR

David Junior de Souza SILVA

<davi_rosendo@live.com>

Doutor em Geografia

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

Professor do Mestrado em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá, Brasil – PROFHISTÓRIA/UNIFAP.

<http://lattes.cnpq.br/4265076306351873>

<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>

RESUMO

O bem-viver, a vida em equilíbrio com a natureza, é um conceito que estabeleceram originalmente as culturas indígenas em suas relações com a natureza e com outras sociedades. Os organismos internacionais e os países industrializados defendem um conceito de desenvolvimento vinculado a um crescimento desigual e economicista do ser humano, algo que rompe com o equilíbrio entre pares e com a natureza. Recuperar agora o conceito de bem-viver implica uma ruptura com o sistema capitalista de acumulação infinita em um mundo finito. Não é possível um bem-viver em diálogo com um crescimento econômico predatório. Este artigo demonstra como os princípios do bem-viver superam as limitações do desenvolvimentismo, quais sejam: o limite de crescimento econômico, o limite energético, o limite alimentar, e o limite ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: bem-viver; desenvolvimento; natureza.

RESUMEN

El buen vivir, la vida en equilibrio con la naturaleza, es un concepto que se han planteado originariamente las culturas a partir de su vivencia de las relaciones con la naturaleza y entre los seres humanos. Sin embargo, los organismos internacionales y de los países industrializados defienden un concepto de desarrollo vinculado a un crecimiento desigual y economicista del ser humano, algo que rompe con el equilibrio entre pares y con la naturaleza. Recuperar ahora el concepto del buen vivir implica una ruptura con el sistema capitalista de acumulación infinita en un mundo finito. No es posible un buen vivir a medias o en diálogo con un crecimiento económico crematístico. En este artículo se esboza el buen vivir como superador de las visiones actuales del “mal desarrollo”, en pro de un correcto desenvolvimiento y cada día mejor, de la humanidad.

PALAVRAS-CHAVE: buen vivir; desarrollo; naturaleza.

INTRODUÇÃO ¹

Arturo Escobar assinala que a era do desenvolvimento começa em 1949 com o Plano Marshall e a proposta do presidente de Estados Unidos Harry Truman no conhecido quarto ponto de seu discurso, em que proclama as benesses do desenvolvimento tecnológico de seu país e lamenta um suposto fracasso no desenvolvimento dos países menos favorecidos, e, portanto, sua suposta condição de dependência – países aos quais chamará de “subdesenvolvidos”. Trata-se da era marcada por um modelo de desenvolvimento centrado no crescimento econômico dos povos, na industrialização dos países e na compreensão da natureza exclusivamente como recurso para transformação em matéria-prima.

Nesta era, técnica e capital iniciam um processo “missionário a nível mundial” (ESCOBAR, 2007), partindo de uma premissa de que a primeira, a técnica, ajudaria os povos desfavorecidos (no vocabulário teológico-capitalista de Truman), a sair de sua “ignorância”, para poder produzir o alimento, a vestimenta, a moradia, para satisfazer as necessidades básicas e produzir e acumular e riqueza em seus países.

Sabia-se que o discurso não correspondia às verdadeiras intenções, pois o segundo, o capital, sempre estava ali, interessado na expansão do desenvolvimento e atrelado intimamente à técnica. Em uma aliança oculta entre técnica e capital, os “missionários” do desenvolvimento sabiam que no final das contas sua tarefa consistia de fato em expandir o domínio do capital e sua exploração de forma ilimitada por todos os espaços mundiais.

Devido pois à sobreposição do capital sobre a técnica, chegamos a uma situação singular de crescimento econômico, que provoca ao menos quatro grandes crises, geradas pela extrapolação de quatro limites, como adverte Tortosa:

O limite de crescimento econômico se pode divisar na financeirização da economia, resultando nas crises financeiras, como a ocorrida em 2008 em Estados Unidos, fruto da

¹ Publicado originalmente na Revista Papeles de relaciones ecosociales y cambio global nº128 2014/15, pp. 79-87. Disponível em: https://www.fuhem.es/papeles_articulo/el-buen-vivir-supera-los-limites-del-desarrollo/

especulação sobre empréstimos e títulos imobiliários. A retração da economia mundial levou ao desemprego, à queda no consumo, ao aumento de impostos mas, como anuncia Tortosa, “é possível que a depressão (senão recessão) seja duradoura, mas sem mudar em nada o funcionamento do sistema mundial, as regras de seu jogo e sua estrutura” (TORTOSA, 2012).

O *limite energético* está relacionado com a crise do petróleo. Chegamos ao pico da produção de petróleo, ao esgotamento das fontes e às flutuações de preço, alternando momentos de queda e alta. Se a energia que move o mundo é o petróleo e este recurso escasseia, a crise se manifesta “porque a energia em geral e o petróleo em particular estão impondo uma transição energética em que, de novo, o velho já está morto, mas o novo ainda não nasceu” (TORTOSA, 2012, p. 41).

O *limite alimentar*. A crise de alimentação mundial está muito vinculada à crise energética, uma vez que o plano para mudar a matriz energética do petróleo seja substituí-lo por produtos que são base da alimentação da população mundial. O plano para a substituição dos combustíveis fósseis “trata-se de produzir energia a partir da agricultura: o trigo ou o milho, a soja ou a cana de açúcar, ou inclusive a biomassa de numerosas plantas como a palma oleaginosa (conhecida como palma africana)” (HOUTART, 2011, p. 37). Decorre disso que a técnica não está a serviço da satisfação das necessidades humanas, mas sim do capital, das requisições da grande maquinaria industrial.

Segundo Tortosa, a irracionalidade da produção de agrocombustíveis, como possibilidade de substituição à matriz energética do petróleo, faz com que se elevem os preços dos alimentos, prejudicando assim a soberania alimentar, acarretando consequências como a de termos um bilhão de pessoas passando fome no mundo no ano de 2011, segundo dados da FAO.

O *limite ambiental*. Entre as situações que causam preocupação neste ponto, entre outras, estão: o aquecimento global; a emissão de CO₂ por fábricas, veículos e queima de combustíveis fósseis; o consumismo excessivo; e a possibilidade do esgotamento dos recursos renováveis. Por exemplo, os Estados Unidos “em 2007 tiveram que importar 75% do que consumiam. São os consumidores de um quarto do petróleo mundial e não possuem mais do que

3% das reservas conhecidas” (HOUTART, 2011, p. 39). Neste sentido, adverte Houtart, “a crise das energias não renováveis é real. No ritmo atual, seu consumo esgotará a totalidade das reservas mundiais no ano de 2100” (2011, p. 47).

AS PRAGAS DO DESENVOLVIMENTO

A era do desenvolvimento nos trouxe à beira de um abismo, situação agora diante da qual precisamos reagir.

Tomás Rodríguez-Villasante identifica doze *pragas* como limites do desenvolvimentismo, retomando a ideia da sociedade de risco, proposta por Ulrich Beck. Estas doze *pragas* se organizam em quatro grandes blocos: o primeiro sobre o habitar e nossa má relação com a natureza; o segundo relacionado ao trabalho e às consequências econômicas do desemprego; o terceiro sobre os poderes e formas de organização entre os seres humanos e as violências que se evidenciam nestas relações; e o quarto, o bloco das culturas, ou a imposição de um pensamento e uma forma de vida monolítica.

Estas *pragas* (ou limites do desenvolvimentismo), entre outras, se expressam da seguinte maneira.

A praga da má saúde: como consequência de uma alimentação ruim e desigual:

61% dos estadunidenses adultos sofre de sobrepeso. (...) segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a razão é a “ampla adoção de um estilo de vida baseado em hambúrgueres ricos em gordura”. A OMS informa que, atualmente, 18% da população total mundial é obesa, praticamente a mesma quantidade de pessoas desnutridas. (VILLASANTE, 2006)

A praga do desemprego. A teoria do desenvolvimento impulsionada por Harry Truman com forte influência keynesiana cria a ilusão do “pleno emprego”. O trabalho move a maquinaria e gera produtos para o mercado, e entretentes, os trabalhadores adquirem de uma ou outra maneira um salário que os permite viver.

Na atualidade, os trabalhos fixos estão em crise:

O número dos que estão esperando para aceder à condição de “explorados” é demasiado alto para não sentir a pressão dos que estão sem nenhum tipo de

trabalho ou em condições laborais muito piores, sem contar com que se prevê o nascimento de bilhões de pessoas nas próximas décadas. (VILLASANTE, 2006, p. 62).

A praga da insegurança. Estamos de volta aos castelos da Idade Média, através de ordenamentos urbanos privatistas, verdadeiros guetos de privilégio. Por outro lado, existe um investimento intenso em armamentos.

Compare-se com os 350 bilhões que os ricos dedicam a subvenções e barreiras tarifárias. “Estamos loucos em como abordamos o desenvolvimento, que é uma questão de justiça global”. Pelo caminho que tomamos, cada vez se investe mais em armamentos, e menos em igualdade social. (VILLASANTE, 2006, p. 67).

Muitos autores analisaram o desenvolvimentismo como simples crescimento econômico e tentaram encontrar uma via diferente para o mesmo. Mas se somos 7 bilhões sobre a terra e há 2 bilhões por nascer, que nos cabe fazer? Parece lógico continuar seguindo pelo mesmo caminho, ou com algumas variantes que lhe ponham adjetivos, ou não seria melhor mudar de caminho?

É intolerável continuar pelo caminho da desigualdade nos âmbitos tanto local como internacional; seguir falando da industrialização e do desenvolvimento de um lado do planeta, enquanto em outro lado a precarização da vida e a fome são a norma.

É significativo que nos últimos anos haja aumentado o número de famintos no mundo, passando de 850 milhões a um bilhão em 2010. Ademais, 2 bilhões e 600 milhões de pessoas carecem de saneamento básico e 1 bilhão não têm acesso à água própria para consumo. (SALAZAR, 2011, p. 38)

COMO SUPERAR O CRESCIMENTO ECONOMICISTA?

José María Tortosa (2012) destaca quatro grandes esforços para superar o enfoque que privilegia unicamente o crescimento econômico. O primeiro, encarregado a um grupo de economistas, que deverá elaborar um sistema de medição que fosse além do PIB e que reconheceria o desenvolvimento social; o segundo, a iniciativa governamental de 2006, proposta pelo rei Jigme Khesar, que propõe medir a Felicidade Nacional Bruta, tendo em conta o bem-estar psicológico, a saúde, o uso do tempo, entre outros; o terceiro esforço é o de alguns “altermundistas”, como

Walden Bello e Theotonio Dos Santos, que propõe eliminar a divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, melhorar a qualidade de vida, maximizar a equidade e reduzir o desequilíbrio ambiental; o quarto ponto faz referência às experiências dos estados latino-americanos, mais concretamente às experiências andinas, tais como Equador e Bolívia, que incorporaram em suas Constituições o Bem-Viver.

É neste quarto ponto que se situa Tortosa, ainda que criticamente postule que as propostas constitucionais do bem-viver não romperam ainda definitivamente com o discurso do desenvolvimento.

Parafraseando a Harry Truman e retomando a proposta de Tortosa, nos encontramos neste quarto ponto, que incorpora o esforço de sair do modelo de desenvolvimento até agora concebido como crescimento econômico puro; um quarto ponto alternativo, sustentado no bem-viver.

O BEM-VIVER SE CONTRAPÕE AO DESENVOLVIMENTO

A proposta do decrescimento de Serge Latouche significa uma ruptura definitiva com o discurso do desenvolvimento, se contrapõe quando diz que devemos ir à *sociedade do decrescimento*.

[...] conceituamos em seguida que o decrescimento não é um conceito, no sentido tradicional do termo, e não se pode falar exatamente de 'teoria do decrescimento', tal como fizeram os economistas da teoria do crescimento (...). É um slogan político com implicações teóricas (...) que tem como objetivo romper a linguagem estereotipada dos adeptos do produtivismo. (LATOUCHE, 2008, p. 16)

O que propõe em realidade Latouche é sair do paradigma do crescimento como um fim em si mesmo.

Para demonstrar o peso que estamos carregando sobre o planeta e a mancha ecológica, Latouche faz referência a que um cidadão norteamericano consome uma média de 8,6 hectares, um canadense 7,2 hectares, um europeu 45 hectares. O que necessitamos é baixar para uma média de 1,4 hectares, considerando que a população se mantenha como está até o momento. Isto é, que

sendo conservadores no sentido de que a população não cresça, já temos problemas pelo consumo desigual e exagerado por parte dos países centrais.

Seguindo na linha de uma ruptura com o desenvolvimentismo, encontramos que, além da institucionalização do *sumak kawsay* nas Constituições, o conceito adquire sentido sempre que renunciamos a nosso modo de vida consumista. Em outras palavras “viver de outro modo para viver melhor” (LATOUCHE, 2008, p. 17). Ou como diria um dos teóricos indigenistas:

O *Sumak Kawsay* mais precisamente é: o conviver sagrado e holístico na harmonia e no equilíbrio. Este *Kawsay* é a energia viva que difunde e reproduz a vida, é o conviver com o espírito total (Grande Espírito) que se manifesta materialmente gerando a vida. É por isso que não existe diferença entre Vida e Deus, entre Vida e Natureza, entre Vida e matéria, todas elas são diferentes palavras para expressar o mesmo, mas em diferentes estados ou formas (imanência). (OVIEDO, 2012, p. 220)

Um pensamento alternativo ao desenvolvimento implica uma ruptura com esta proposta e marchar contra a corrente, pois, como vemos, todas as formas de esforço por consertar o que está mal no desenvolvimento terminam alinhando-se ao desenvolvimento. É o momento da prática, mais do que de discurso: como diz Tomas Villasante, os movimentos “altermundistas” estão nas esperanças e nas práticas que surgem desde a base, como uma experiência de vida:

O que pode surgir é uma construção a partir de baixo e com passos demonstrados empiricamente, a partir das experiências parciais de alternativas (bancos locais, redes de comercialização, formas de autogestão operativas, bancos de sementes, ocupações de terras, escolas de cidadania, aplicação de tecnologias leves, metodologias participativas, etc.), e com o aval de alguns movimentos concretos (pela soberania alimentar, ‘desenvolvimento do terceiro setor’, identidades indígenas, etc.) (VILLASANTE, 2006, p.75).

É necessário recuperar o equilíbrio entre os seres humanos e a natureza para trazer o caminho de uma nova experiência de vida. Somente com a participação de cada um dos elementos citados e considerados como sujeitos, poderemos lograr o equilíbrio, com sabedoria (*yachay*) e amor (*kuyay/munay*). Neste processo, a sociedade de crescimento não é sustentável pois pretende acumular infinitamente em uma biosfera finita; o que está em jogo então é passar de um sistema econômico único para uma economia de sistemas.

Em suma, o que está em jogo é se, para racionalizar a gestão do mundo em que vivemos, o planejamento econômico deve seguir girando em torno ao núcleo de valores mercantis ou se, pelo contrário, deve mover seu centro de gravidade para

os condicionantes do universo físico e institucional que o envolve (NAREDO, 2009, p. 84).

Além dos debates sobre “alternativas ao desenvolvimento”, “descrescimento” ou “*sumak kawsay*”, outros movimentos colocaram em prática tentativas de conseguir desenvolvimento humano em harmonia com a natureza. Aqui se pode citar o movimento ecossocialista (ou o mais local de ‘comunidades em transição’) sobretudo na Europa; e na América Latina a presença, silenciosa por enquanto, mas profunda, é o testemunho dos zapatistas ao sul do México no estado de Chiapas, que têm uma experiência na implementação de municípios onde constroem o governo autônomo em contraposição ao governo oficial; ou o do movimento dos trabalhadores sem terra (MST) no Brasil com acampamentos e assentamentos por quase todo o país.

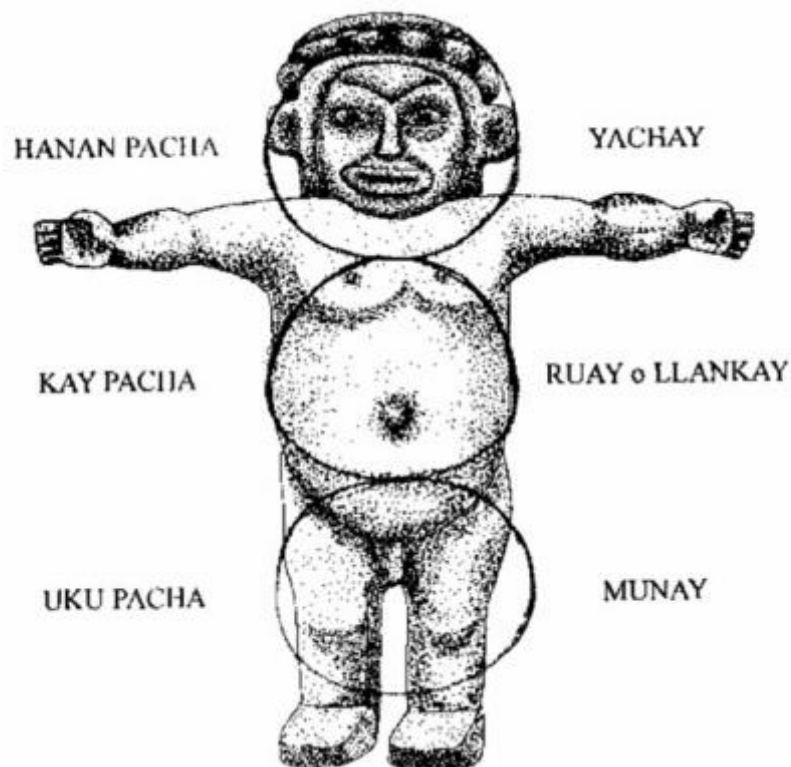
INTEGRALIDADE E EQUILÍBRIO NO BEM-VIVER

Na reflexão de Javier Lajo (2002), a cosmovisão andina baseia-se em princípios de equilíbrio e integralidade. Segundo ele, o tempo possui três dimensões: *uku pacha* (passado ou profundo), *kay pacha* (o presente), *hanan pacha* (o futuro, o de cima). Segundo a cosmovisão andina, não há tempo passado como lembrança, presente como o que se vive e futuro como o que se espera messianicamente – tal como é na filosofia ocidental. O passado se vive no presente, e o futuro começa também no *kay pacha*; temporalmente existe uma espiral em equilíbrio.

Enquanto concepção antropológica, o *munay* é o querer, o amar, e no corpo humano se identifica junto ao *uku pacha*, que corresponde à sexualidade, a intimidade geradora de vida – temporalmente: o passado; já o *ruray* ou *llankay*, que corresponde ao estômago, significa a parte que trabalha e permite um equilíbrio do corpo, identifica-se temporalmente com o presente, a vivência diária; o *yachay*, por sua vez, corresponde a cabeça, que é o pensamento, o ser pensante, o alto - temporalmente: o futuro.

A seguir exponho um dos gráficos que nos propõe Javier Lajo para ilustrar esta teoria.

Imag. 1. Princípios de integralidade e equilíbrio no bem-viver



Fonte: Lajo, 2002, p. 15.

Integralidade é o processo pelo qual o ser humano vive três tempos de maneira circular e não linear, cultiva as dimensões do amor e da reprodução (sexualidade), da alimentação (estômago) e do conhecimento (cabeça). Tudo isto em equilíbrio, pois um excesso em uma das dimensões antropológicas levaria a pessoa a um mal viver ou a uma vida desordenada. Que passaria se uma pessoa se dedicasse somente ao estomago e a vida presente? Seguramente seria um materialista (capitalista), que somente engorda sem gerar vida e se esquece de que existe futuro além de si mesmo.

O BEM-VIVER É INTEGRALIDADE E EQUILÍBRIO

Por outro lado, na cultura *shuar* de Equador também existe uma cosmovisão da integralidade e do equilíbrio, a qual podemos observar no seguinte gráfico:

Graf. 1. Cosmovisão da integralidade e do equilíbrio



Fonte: Elaborado por José Astudillo.

Na cultura *shuar*, integralidade e equilíbrio têm um sentido profundo pois para o bem-viver têm dois conceitos. O primeiro, o *penker pujustin*, que é similar ao bem-estar na cultura ocidental, o qual implica satisfação das necessidades básicas, ter um lugar onde viver, educação, alimentação, uma sociedade de bem-estar ao estilo da proposta keynesiana.

O segundo, o *“tarimiat pujustin: viver em harmonia com a natureza, ter água limpa, bosques verdes, ar puro, terra fértil, animais, alimento, moradia, estar livre de contaminações; tudo isto assentado em um território”* (Tivi; Shakai, 2014). *Tarimiat pujustin* implica não somente uma integralidade de elementos no bem-estar social, econômico, etc. implica uma harmonia na relação ser humano-natureza e ser humano-ser humano.

REFERÊNCIAS

DÍAZ-SALAZAR, Rafael. *Desigualdades Internacionales ¡Justicia Ya!*, Barcelona: Icaria Editorial, 2011.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo*. Construcción y deconstrucción del desarrollo. Venezuela: Fundación Editorial el Perro y la Rana, 2007.

HOUTART, François. *El Escándalo de los Agrocombustibles para el Sur*. Quito, Ecuador: Ediciones la Tierra, 2011.

LAJO, Javier. *Qhapaq Kuna... más allá de la civilización*. Cusco: Editorial Grano de Arena, 2002.

LATOCHE, Serge. *La apuesta por el decrecimiento. Cómo salir del imaginario dominante?* Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

NAREDO, José Manuel. *Luces en el labirinto. Autobiografía intelectual. Alternativas a la crisis*. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2009.

OVIEDO, Atawallpa. *Qué es el sumakawsay. Vitalismo andino: cosmocimiento de la vida*, Garza Azul y Sumak Editores, La Paz, 2012.

TIVI CATANI, Silverio; Shakai Mashienta, Oliver Lester. *Impacto ambiental y socio-político que producirá la explotación petrolera en la parroquia Macuma*. 2014, 76 folhas. Tesis de Pregrado (Licenciado en Gestión Pública y Liderazgo) - Universidad de Cuenca, Cuenca, 2014.

TORTOSA, José María. *Desigualdad, conflicto, violència*. Cuenca, Ecuador: PYDLOS Ediciones-Universidad de Cuenca, 2012.

VILLASANTE, Tomás Rodríguez. *Desbordes creativos*. Estilos y estrategias para la transformación social, Madrid: Los Libros de la Catarata, 2006.



Submissão: 22 de novembro de 2020

Avaliações concluídas: 08 de dezembro de 2020

Aprovação: 21 de dezembro de 2020

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

BANEGAS, José Efraín Astudillo. O bem-viver supera as limitações do desenvolvimento. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v.20, n.2, p.1-12, e-200211, jul./dez., 2020. Tradução por David Junior de Souza Silva. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> >. Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >